

O Uso da Teoria Folkcomunicacional e a Participação Popular no Espaço Público: o Entre Lugar e Espaços Fronteiriços da Cultura¹

Betania MACIEL²

Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA

RESUMO

Folkcomunicação como base teórica que sustenta a produção simbólica das populações marginalizadas proporcionando mecanismos de inserção e de cidadania. Destacamos a noção de entre-lugar e de espaços fronteiriços a partir de conceitos fundamentais dos estudos culturais pós-coloniais advindos da produção teórica de Homi Bhabha e Boaventura de Souza Santos, procurando interagir tais conceitos com elementos da realidade cultural brasileira, especificamente a cidade de Recife-PE.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação. Cidadania. Inclusão social. Fronteiras. Entre lugar.

“(...) na profissão, de tocar um instrumento e de cantar, não importando se quem pagou quis ouvir” (Bailes da Vida, 1981, Milton Nascimento e Fernando Brant).

Analisamos o conceito de democracia e a participação popular nos espaços públicos na cidade contemporânea como espaço de ação política através das manifestações folkcomunicacionais, formando uma arena onde apresenta-se diferentes ideias sobre no contexto urbano. Configurando o uso dos veículos informais de comunicação como instrumento de disputa na produção de sentidos, para o desenvolvimento urbano e mecanismo de participação popular. Os estudos da Folkcomunicação como base teórica que sustenta a produção simbólica das populações marginalizadas proporcionando mecanismos de inserção e de cidadania.

Os conflito de interesses nas sociedades contemporâneas, um conflito pela sua definição, pelo seu controle, pelos benefícios que assegura. Busca-se uma ideia de “cultura” que abarque as representações e práticas sociais das classes populares nas cidades contemporâneas, a partir de relatos de moradores do bairro do Recife, visando

1 Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Doutora em Comunicação Social- Universidade Metodista de São Paulo. Professora titular da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. e-mail: betaniamaciel@gmail.com.

ao aprofundamento da discussão sobre a participação popular na formulação e gestão de políticas culturais num momento de mudança de política inclusiva e promoção da cultura popular.

A formulação do conceito de “entre lugar” como ponto de partida, analisa-se o exemplo das comunidades e grupos de jovens dos bairros populares da capital pernambucana, atentando-se para a força das táticas enraizadas no lugar e que podem subverter a lógica da produção de hegemonias culturais nas cidades contemporâneas.

O conceito de entre lugares são compreendidos como um pensamento liminar, construído nas fronteiras, nas bordas. Pela natureza deles, não é simples caracterizar tal espaço cultural, mas eles podem se encontrar, por exemplo, na experiência da comunicação eletrônica entre jovens das camadas sociais pobres, que reúne duas dimensões de tempo distintas na vivência humana: o pós e o pré-moderno. Ou na construção da cidadania a partir de expressões artísticas como o hip-hop, danças de rua, capoeira e formas de teatro popular, em que nem sempre o elemento racional de conscientização política está explícito. Ou ainda nas experiências religiosas que agregam diferentes tradições, como aquelas que reúnem em uma só vivência o urbano, o afro e elementos tradicionais cristãos. São entre-lugares dessa natureza que possibilitam que a fronteira se torne “o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente...” (H. BHABHA, O local da cultura, p.24).

Sugere-se uma análise das trajetórias culturais dos grupos que produzem e reproduzem ideias de cultura alternativas à cultura dominante, a fim de apreender a composição dos lugares onde estes grupos atuam, bem como a inovação que modifica estes lugares ao atravessá-los, por sua abrangência de atuação.

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidade são, pois, identificações em curso. (B. S. SANTOS, Pela Mão de Alice, p.135).

A participação social tem sido uma importante questão para a análise sociológica e política, especialmente nas últimas décadas, em diversos países latino-americanos, no contexto das lutas sociais pela abertura política. A partir da década de 80, se intensificou a produção de estudos sobre o tema, com variadas perspectivas. São trabalhos que

abordam as formas de atuação e organização política das classes populares e dos movimentos sociais e é através da Folkcomunicação que vamos apresentar as formas de manifestações dos povos que fazem parte da sociedade e as mudanças paradigmáticas contemporâneas, a quebra das representações hegemônicas revelam múltiplos enfoques na discussão sobre identidades.

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (H. BHABHA, O local da cultura, p. 27).

Esta abordagem tem relação direta com a crítica política de Boaventura de Souza Santos “a celebração da fragmentação, da pluralidade e da proliferação das periferias oculta a relação desigual, central no capitalismo moderno, entre o Norte e o Sul”. As “velhas identidades” entram em declínio, o que faz questionar a estabilidade das identidades culturais ditas naturais que atuam como instrumento ideológico de perpetuação do poder dos grupos dominantes e a subalternização de grupos vulneráveis.

A discussão sobre a relação arte-sociedade levou a duas atitudes filosóficas opostas: a que afirma que a arte só é arte se for pura, isto é, se não estiver preocupada com as circunstâncias históricas, sociais, econômicas e políticas. Trata-se da defesa da “arte pela arte”. A outra afirma que o valor da obra de arte decorre de seu compromisso crítico diante das circunstâncias presentes. Trata-se da “arte engajada”, na qual o artista toma posição diante de sua sociedade, lutando para transformá-la e melhorá-la, e para conscientizar as pessoas sobre as injustiças e as opressões do presente. (MARILENA CHAUI. Convite à Filosofia, 1994.)

Ao compreender o papel da arte e da comunicação como elementos de contestação e, também, de visibilidade das identidades dissidentes na contemporaneidade, suas rupturas, fragmentações e (des)construções, surge o interesse por novas práticas descentralizadas de produção, circulação e recepção de símbolos significados culturais, tanto aqueles que são facilitados pelas novas tecnologias e formas de organização social, como no caso dos grupos de bairros de periferia (toda camada populacional de baixa renda que vive em torno das grandes cidades) na apropriação das tecnologias digitais para divulgação de sua cultura e de suas questões reivindicatórias, como aquelas baseadas em reciclagem, reinvenção e hibridação, também referente a

participação de representações que refazem o percurso já existente das formas de pensar sentir e agir já existentes. Faz-se necessário, então, desconstruir a ideia de uma suposta identidade genérica nacional, regional. Observemos ainda que as identidades nacionais além de serem fortemente marcadas pelo etnocentrismo são também pelo sexismo.

É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios de diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas da nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam sujeitos nos „entrelugares“, nos excedentes da soma das „partes“ da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.)? (BHABHA, 2010, p. 20).

Nosso objetivo é investigar e registrar a implantação criativa de práticas com que os grupos sociais vulneráveis resistem, recriam, esquivam, subvertem ou superam estratégias biopolíticas de controle; analisar o papel das narrativas transmidiáticas nos processos de visibilidade identitária e identificar as estratégias da ressignificação da cultura marginal.

A expressão “artes do presente” por Bhabha (1998, p.19) é utilizada para definir diversas maneiras pelas quais estamos nos acostumando a agir diante da abundância de fatos que vivemos na contemporaneidade, como realidade plural, densa, plural, composta de referências e virtualidades.

A cultura se torna uma prática desconfortável, perturbadora, de sobrevivência e complementaridade – entre a arte e a política, o passado e o presente, o público e o privado – na mesma medida em que seu ser resplandecente é um momento de prazer, esclarecimento e libertação. É dessas posições narrativas que a prerrogativa pós-colonial procura afirmar e ampliar uma nova dimensão de colaboração, tanto no interior das margens do espaço-nação como através das fronteiras entre nações e povos.(BHABHA, 1998, p. 245)

Especificamente estudar as redes sociais, ciberativismo e grupos marginalizados, constatando que o universo das redes sociais multiplicou de forma exponencial as produções culturais pelos mais diversos grupos, sendo sua divulgação caracterizada pelo consumo imediato, pelo debate e discussão e pela chamada viralização nas redes sociais, assim como “temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição.” (BHABHA, 2010, p. 24-25).

Assim, a visualização de determinadas postagens são reflexos do processo de inclusão dos temas e pessoas sobre os problemas contemporâneos nas classes excluídas socialmente; é neste sentido que propomos a utilização do referencial teórico da Folkcomunicação e estudos da cultura, subjetivação e identidade e o sentido de pertencimento, para o estudo e análise deste campo de representações criado pelas redes sociais e pelo ciberativismo. Um dos maiores desafios para tratar da temática identitária é a superação da veiculação de imagens exóticas, folclorizadas, para visões críticas sobre as manifestações populares, isso quando nos referimos a mídia e que reflete na sociedade não somente a realidade social, tornando um caminho de mão dupla.

O que muitas vezes aprendemos sobre estas manifestações está associado basicamente às imagens do que é também na maioria dos casos veiculadas pela mídia, por exemplo: a violência, o latrocínio, as badernas nas ruas e os quebra-quebra dos “rolezinhos” em bairros do centro e das zonas elitizadas, shoppings, praças, etc.

O caráter seminal dos estudos e pesquisas que Luiz Beltrão produziu e mais adiante procurou ampliar o conceito inicial traçado em sua tese de doutorado, foi fortemente influenciado por suas concepções jornalísticas, buscando incluir as dimensões persuasivas, diversionais e educativas do processo da Folkcomunicação.

A cultura aqui vem a ser interpretada como um dispositivo de produção dentro da lógica que rege as relações que se exteriorizam na comunicação entre os seres humanos, através de ideias, sentimentos e volições enas sociais, mas também grupais", (SOUTO; SOUTO, 1985, p.01) quando aquilo que é comunicado é aceito de forma comum com quem se comunica e é estabilizado o relacionamento. De acordo com a dimensão do grupo social, tomando por base a aceitabilidade por parte do quantitativo de indivíduos, ele vai passar a ser denominado de "sociedade".

Torna-se coerente uma citação da redefinição do conceito de cultura popular realizada por García Canclini que tem como base a perspectiva de Gramsci, se direcionando para fatores como produção, circulação e consumo e, conseqüentemente, se alinhando à teoria da reprodução. (GARCÍA CANCLINI, 1988, p. 49-59).

Desta maneira podemos inibir a ocorrência persistente de enfoques sobre culturas ocorrentes na ciência antropológica que a concebe como a corporificação da personalidade coletiva de um povo, para realizar uma leitura que a situa como resultado da interação das relações sociais, o que em perspectivas de ciência da comunicação se traduziria melhor por um processo de apropriação desigual do bens econômicos e

culturais de uma nação ou etnia por parte dos membros dos seus setores subordinados, assim como a apreensão, imitação e modificação, real e simbólica, dos pré-requisitos gerais e estritos do labor e da vida. (GARCÍA CANCLINI, 1983, p. 42)

E como afirma Marques de Melo (2005) esta questão "Trata-se de um torvelinho cultural que antagoniza, compara, distingue e mescla símbolos de diferentes nações, regiões, cidades, bairros, povoados (COCHRANE, 1995), constituindo a expressão contumaz daquela riqueza do folclore midiaticizado. Como evento singular, ele fora esboçado na teoria folkcomunicação de Luiz BELTRÃO (1967). A rigor, ele corresponde à seqüência brasileira de um episódio histórico protagonizado emblematicamente por Marshal McLUHAN (1951). Ao perceber essa mutação cultural, com a argúcia e a astúcia que lhe eram típicas, o pensador canadense rotulou-a apropriadamente como folclore do homem industrial .

O estudo sobre uma sociedade composta de uma imensa variedade de grupos, que vivem separados uns dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferenciação de origens étnicas e pela própria distância social e espacial. O estudo etnográfico de Beltrão, baseia-se em dados confiáveis, retratando claramente as condições de vida das populações subalternas e quanto tem sido fundamental a atuação do movimento popular no país e as perspectivas para que jovens possam sentir-se portadores de uma riqueza que se os distingue, sem necessidade de inferiorizá-los, nem de fazê-los necessitados.

Este riquíssimo processo histórico de contextualização e de recontextualização de identidades culturais é interrompido violentamente por um ato de pilhagem política e religiosa que impõe uma ordem que, por se arrogar o monopólio regulador das consciências e das práticas, dispensa a intervenção transformadora dos contextos, da negociação e do diálogo. Assim, se instaura uma nova era de fanatismo, de racismo e de centrismo. (B. S. SANTOS, *Pela Mão de Alice*, pp. 138-139).

Outros temas pontuais a serem tratados são produções simbólicas, autoconhecimento, libertação dos sujeitos, reflexões sobre próprios atos e sobre a realidade, narrativas sobre questões sociais e cidadania, consciência crítica e mobilização juvenil, habilidades de organização e participação.

Outro ponto relevante para esta pesquisa foi o entendimento da importância do estudo da Folkcomunicação para entender as questões sobre cidadania e inclusão social dos grupos marginalizados. Vimos que as formas de acesso e o mundo cibernético fazem parte desse universo social.

CONSIDERAÇÕES

Estudar as formas de utilização dos espaços livres públicos da cidade de Recife, mais além de passeios, lazer, divulgação da cultura, diversão para todas as classes sociais e valorização da cultura e do desenvolvimento local, bem como sua ocupação desordenada e uso por pessoas em situações de vulnerabilidade e assim indicar bases conceituais para análise dos espaços fronteirços entre a presença pública e utilização desses espaços pelos grupos marginalizados.

Destacamos a noção de entre-lugar e de espaços fronteirços a partir de conceitos fundamentais dos estudos culturais pós-coloniais advindos da produção teórica de Homi Bhabha e Boaventura de Souza Santos, procurando interagir tais conceitos com elementos da realidade cultural brasileira, especificamente a cidade de Recife-PE, no uso de suas praças e lugares comum à todos, na perspectiva da inclusão e fortalecimento da cidadania.

Desta forma, observamos o espaço público como meio de sobrevivência e de interação de artistas, que têm o cenário da rua como palco e espaço de formação de suas próprias narrativas de vida. As dificuldades que a rua impõe, os desafios, o desrespeito e a clareza da exclusã, faz com que busquem outros espaços. A arte de rua fica na periferia e quando saem para o centro da cidade, são mal vistos dentro da idéais de marginalizados socialmente.

O fazer artístico dessas pessoas, da história de vida deles, da falta de oportunidade e falta do usso da cidade como maneira de inclusão, são negadas. Muitas vezes falam que não são respeitados e precisam buscar outros espaços, o próprio comércio do entorno pede que se afastem e eles vão buscando formas de construir outras interações. O Recife das pluralidades também encanta pelos palcos de ruas, calçadas, pontes, feiras, ônibus e metrô, frequentemente tomados por artistas que pouco se ouve o que tocam ou cantam, mas ainda assim seguem

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian (org.) (1999). **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** Rio de Janeiro: Garamond.

ANPPOM. [Site]. Brasília – DF. Disponível em: <<https://anppom.com.br/>> . Acesso em 04, maio de 2019.

Andrade, Elaine Nunes (org.) (1999). **Rap e educação: rap é educação.** São Paulo: Selo Negro.

BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. _____. O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos. Organização de Eduardo F. Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CARMO, Paulo Sérgio. (2000). **Culturas da rebeldia: a juventude em questão.** São Paulo: Senac.

CECCHETTO, F. (1997). **As galeras funk cariocas: entre o lúdico e o violento.** In: VIANNA, H. (Org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais.* Rio de Janeiro: UFRJ. p. 95-118.

DIÓGENES, Glória. (2003). **Itinerários de corpos juvenis: o baile, o jogo e o tatame.** São Paulo: Annablume.

DJ MAROLA. (2018). **O rap e a juventude.** Brasília. Entrevista concedida a João Guilherme. Informação verbal.

DURHAM, E.R. (1997). A **pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas.** In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa.* São Paulo: Paz & Terra. p. 17-37.

FEATHERSTONE, Mike. Perspectives on consumer culture. **Sociology**, vol. 24, n. 1, 1990, p. 5–22.

FREIRE, Paulo. (2005). **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HALL, Stuart. (2003) **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG.

HALL, S.(2003) ¿**Quién necesita identidad?** In: HALL, S., DU GAY, P. (org.) **Cuestiones de identidad cultural.** Buenos Aires: Amorrortu editores. p. 13-39.

_____. (2010). **Sin garantías: trayectos y problemáticas en estudios culturales**. Colombia: Envió editores Hall, S. Identidad cultural y diáspora.

HASENBALG, C. A. (1984). Comentários a 'Raça, cultura e classe na integração das sociedades. **Dados, Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, pp. 148-149.

MENESES, Maria Paula; Bidaseca, Karina Andrea. (2018). **Epistemologías del Sur - Epistemologias do Sul** / Boaventura De Sousa Santos ... [et al.]; coordinación general de - 1a ed . - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Coímbra: Centro de Estudos Sociais – CES.

MORIN, Edgar. (2003). **Cultura de massas no século XX: necrose**. Rio de Janeiro: Forense.

PRETI, Dino. (1984). **A gíria e outros temas**. São Paulo: T.A Queiroz/USP.

NASI, Lara; RADDATZ, Vera Lúcia Spaciel. Ciberativismo: espaço de comunicação e militância na Internet. In: **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: . Acesso em: 1 de out. de 2017.

PUREPEOPLE. Anitta anuncia música que encerrará projeto 'Check Mate': 'Vai Malandra'. 2017. Disponível em: < http://www.purepeople.com.br/noticia/anitta-contamusica-que-ira-finalizar-projeto-check-mate-vai-malandra_a200907/1>. Acesso em: 1º de abril de 2019.

RAPPER WILL. (2008). **O rap e a juventude**. Brasília. Entrevista concedida a João Guilherme. Informação verbal.

SANTOS, Boaventura de Souza. Pela mão de Alice: o social e o político na pósmodernidade. São Paulo: Cortez, 2010. _____. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.

SHUSTERMAN, Richard. (1998) **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. São Paulo: Editora 34.

TONI, C. (2005) **Hip hop a lápis: o livro**. São Paulo: Anita Garibaldi.

ZALUAR, Alba. (1996) **Da revolta ao crime S.A.** São Paulo: Moderna.

TEMPO, O. Anitta e Mc Loma se apresentam com possível hit do carnaval Mateus Gomez foi escalado para fazer participação do novo Clipe de MC Loma e As Gêmeas Lacreção 2018. Diversão, 5 fev. 2018,

TORRES, Leonardo. Anitta: “Paradinha” alcança 6,4 milhões de acessos em 24 horas. Disponível em: Acesso em: 23 mai. 2018.

VEJA. A fórmula poderosa que deu origem ao furacão Anitta. 2013. Disponível em: Acesso em: 13 abr. 2018 às 12:25.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. (1998) **Juventude, violência e cidadania**: os jovens de Brasília. São Paulo: Cortez.

RED. [Site]. Santa Cruz do Sul – RS. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=7XbzR8dOUj8>> Acesso em 04, mai de 2020.

SANTOS, B. De Sousa. (2017) The resilience of abyssal exclusions in our societies: toward a post-abyssal law. **Tilburg Law Review**, n. 22, pp. 237-258.

TURNER, T. (2010)La producción social de la diferencia humana como fundamento antropológico de los derechos humanos negativos. **Revista de Antropología Social**, Madrid, v. 19, pp. 53-66.